

RESENHA

Mistérios e Maravilhas da condição humana:

A FÉ COMO PONTO DE VIRADA EM MACHADO DE ASSIS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Louise Fernanda Farias

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

louisenunes740@gmail.com

Encantamento, medo, orgulho, amor, curiosidade, esperança — e todos seus opostos — são tantos os sentimentos que arrebatam o coração de um leitor — e de personagens da ficção. Analisá-los a partir das histórias ficcionais é como um exercício para melhor compreender a realidade e os seres humanos.

Os contos “A Cartomante”, de Machado de Assis (2020), publicado pela primeira vez em 1884, e “Luamanda”, escrito por Conceição Evaristo para seu livro *Olhos d'água* de 2014, são obras exemplares não apenas para o entretenimento “literário”, mas também por trazerem à tona reflexões sobre emoções e sentimentos em contínuas transformações ao longo das vivências de suas personagens, reverberando ensinamentos a cada indivíduo leitor delas.

No conto de Machado de Assis, há três personagens: Rita, Camilo e Vilela, que formam um triângulo amoroso “secreto”, e a personagem que tematiza a fé, a cartomante. Rita, casada com Vilela, encontra-se às escondidas com Camilo, seu amante. Durante a leitura do conto, descobrimos que o romance entre Rita e Camilo nasceu da amizade entre o trio; Rita cuidou do coração do amigo quando ele enfrentou um luto, também lhe escrevia bilhetes a lápis: simples, mas significativos.

Somos apresentados ao afeto entre os dois, porém logo a calmaria na cadência do conto é substituída por um ritmo da tensão, quando Camilo começa a receber bilhetes anônimos no trabalho que o deixam nervoso e receoso de que alguém tenha descoberto seu duplo segredo, ou seja, o caso com Rita e a consequente traição do seu amigo. Rita logo percebe a inquietude do amante e vai se consultar com uma cartomante e, nesse momento, percebemos uma diferença entre eles: enquanto Rita acredita na mística, Camilo é cético e chega até a rir da amante quando ela lhe fala da sorte dita pelas cartas.

Quando Camilo recebe um novo bilhete, dessa vez com remetente — o próprio Vilela — nós, leitores, ficamos atordoados, tão desconfiados quanto Camilo, pois não temos informações “extras” sobre o motivo, uma vez que o texto é narrado por um narrador que não participa da história, embora seja onisciente, modo de contar que o faz mergulhar fundo na alma do casal de amantes. O conto assume um ritmo ainda mais intenso: na correspondência, Vilela solicita que o amigo vá à casa dele com urgência, obrigando-o a pensar com cautela sobre as consequências de atender ou não ao pedido de Vilela. No percurso de ida para a casa, por coincidência ou destino, Camilo para com sua carruagem em frente ao lugar onde a cartomante realiza suas consultas. Indo contra sua descrença na mística, ele desce do transporte, vai até o estabelecimento e, nele, encontra conforto nas palavras da mulher, sai de lá feliz da vida indo em direção ao



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL4974-VLFZ

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

21 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Clarisse Ferreira da Silva

encontro de Vilela, crente de que nada de mal aconteceria, sem saber, portanto, que estava indo ao encontro do trágico destino que selou a vida do trio.

Neste conto machadiano, como em muitos trabalhos de sua vasta obra, sobressai uma escrita em que se sobrepõem temáticas diversas, desenhadas ao estilo Realista da época, por meio das quais se desnudam modos de vida e comportamentos da sociedade burguesa do período. O autor lança mão de um tema comum da tragédia grega e da clássica filosofia de uma personagem shakespeariana, alinhavado com uma imersão na psicologia do indivíduo e do coletivo, além de apresentar uma panorâmica da estrutura social que permeia o ambiente urbano, que, por fim, falha na sua estrutura — de onde advém uma série de críticas veladas sobre a atuação do ser humano ou sobre o sistema que orienta culturalmente o mundo circundante.

Já no conto “Luamanda”, de Conceição Evaristo, acompanhamos as diferentes fases da vida de Luamanda, personagem central que referencia as fases da lua, a partir de suas experiências amorosas e sexuais. A narração trata de um fluxo de consciência — um processo contínuo de pensamentos — bastante poético, enunciado por um narrador em 3ª pessoa, que recorre a descrições que recobrem lembranças do passado de uma mulher, a protagonista, utilizando metáforas para apontar etapas do desenvolvimento dela como menina-mulher, marcado por alegrias, desejos, tristezas e esperanças. Ao mesmo tempo, ao leitor é apresentado um quadro paradigmático em que são desconstruídas, pelo simples gesto de presença da protagonista no mundo, certas convenções sociais, sobretudo da perspectiva do feminino, mas também racistas, de classe, machistas e opressoras. Luamanda inverte uma lógica social vigente, tendo como carro-chefe seu próprio corpo: não desafia, *instaura* um novo modo de ser.

Entre tantas vivências, idas e vindas, encontros e desencontros, Luamanda foi mãe de cinco filhos, experimentou vários tipos de amor, inclusive o amor em braços semelhantes aos seus — pois o amor também pode nascer em corpos semelhantes entre si —, passou pela paciência de ser e estar com um corpo mais velho, que nunca deixa de desejar.

A cada experiência sexual revelada, prática iniciada por volta de seus treze anos de idade, aceitou com naturalidade o fato de ela, a experiência, ser aumentada, conforme os anos se passavam. Numa tentativa de entendimento — mais do que de aceitação — o narrador propõe reflexões que não sabemos se pertencem a si mesmo ou a Luamanda, dados os recursos da escrita empregados: “O amor é terremoto?”, “O amor é tempo de paciência?”, “O amor não cabe em um corpo?”. Não há respostas a essas perguntas, e o leitor é convidado a remexer em seu próprio baú de vivências para tentar respondê-las. Mas uma coisa é certa: as respostas podem mudar — e muito — ao longo da vida. “Vivemos em constante transformação” pode ser o mote desse outro modo de vida experimentado pela personagem e que foi descortinado ao mundo pela fala do narrador — e é exatamente neste ponto que os contos de Machado e Conceição se cruzam.

A fé é um elemento fundamental para nossa vida, não trata exclusivamente de uma fé que advém da religião, mas daquela de que todo ser humano necessita acreditar em algo para, por fim, agir. São nossas crenças que conduzem nossas ações, palavras, sonhos. Sem elas, somos apenas um corpo. O coirmão da crença, de onde brota um tipo de fé, é o saber, de onde brota, por outro lado, um outro tipo de fé. O semioticista lituano A. J. Greimas discorreu sobre o tema em “Crer e saber: um só universo cognitivo” (1983); do mesmo modo, ao analisar os processos de investigação em narrativas policiais clássicas, M. Martins (2005) afirma que, nelas, há detetives que “sabem, porque creem”, e há os que “creem, porque sabem” — o que vai diferenciar métodos de investigação baseados numa ciência da observação de cunho metafórico e em outra, de cunho metonímico.

Em situações decisivas ou tensas, é a fé, pelo crer ou pelo saber, que nos ajuda a encontrar e a reconhecer belezas no mundo; é ela que genuinamente nos faz sentir protegidos ou acompanhados, nos faz ter esperança no cumprimento da promessa de que as coisas ficarão bem. A fé de que alguém nos ouve, inclusive no silêncio, nos acolhe e nos entende.

Camilo cria em Rita, mas em sua ausência ele precisava de alguém em quem acreditar, e que dissesse para ele que seu destino seria bom, pois, às vezes, para acreditarmos “plenamente” em algo, desejamos que alguém acredite tanto quanto nós. O ceticismo de Camilo ansiava pela fé, e mesmo relutando, essa ânsia o levou até a cartomante. Ele queria acreditar que era seguro ir à casa de Vilela e que poderia viver com Rita sem complicações, então a cartomante lhe disse as palavras tranquilizadoras que ele queria e precisava ouvir.

Em *A Hora da Estrela*, obra de Clarice Lispector, lançada em 1977, conseguimos perceber semelhanças com o conto de Machado de Assis. Macabéa, personagem principal do livro, tem uma vida difícil e sofrida, mas no fim da história, ela também conversa com uma cartomante que lhe pinta em um cenário futuro maravilhoso, com um lindo vestido e um rapaz encantador que lhe fariam brilhar como uma estrela. Macabéa, assim como Camilo, saiu da consulta com a cartomante feliz como nunca, aguardando esperançosamente “sua hora e sua vez” — para referenciar Augusto Matraga, personagem de Guimarães Rosa, no conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” (Rosa, [1946], 2019).

O final de Macabéa é trágico como o de Camilo, e a intersecção entre eles é que antes desse fim chegar, ambas as personagens mudaram seus estados de (des)crença, reconstituindo seus simulacros diante do mundo e de si mesmas, acreditando enormemente neles.

Em “Luamanda”, a crença vem do desejo de viver, experimentar e, durante esse processo, o autoconhecimento é inevitável. É possível analisar a própria vida a partir de diversos aspectos experiencializados em nossos contextos particulares, por exemplo, como fomos “moldados” pelas instituições pelas quais passamos: família, escola, mídia, política, vizinhança, grupos de amigos, trabalho etc. , e o que nos tornamos a partir delas, o que vai influenciar em várias camadas da nossa identidade e comportamento sociais, desde do que e como nos vestimos ao que e como nos alimentamos. Na obra poética de Conceição, o narrador se concentra na construção de um recorte da vida de uma mulher, entre cerca de seus trezes anos até a chegada dos cinquenta anos, percorrendo suas vivências amorosas e sexuais — sem que haja uma dependência de uma sobre a outra — o que vai afastar um viés de leitura calcado num romantismo pelo romantismo. Experiências boas, tristes, dolorosas, amargas, todas foram constituintes da menina-mulher, Luamanda, observada pela lua e igualmente cheia de fases. É desse movimento projetado que, sem dúvida, germina um dos traços de identificação do leitor com a história da personagem — independentemente de gênero.

Quanto mais Luamanda vivia, mais tinha fome de viver. Ela acredita no amor e é essa crença que a acorda de seus devaneios sobre o passado e a leva até a porta, com destino ao seu encontro com alguém, pois ela sabe que o amor não suportaria a espera, que nada mais é que uma descontinuidade temporal que interrompe uma fluidez, no caso, a da própria vida em constante movimento, conforme o aspecto temporal do verbo que integra a composição neológica do seu nome (anda, como dissemos). É preciso acreditar fielmente no amor para ir com tanto afã, não com certezas absolutas, mas com fé. “Tardio seria, ou mesmo haveria um tempo em que as necessidades do amor seriam todas saciadas?”, talvez essa seja uma das perguntas que a personagem tenha feito a si mesma durante toda sua vida.

Esses questionamentos feitos pelo narrador — e Luamanda? — ao final de cada relato lembram um famoso trecho de outra célebre obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881): “Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?”. Diversas coisas no mundo podem agradar e desagradar uma mesma pessoa ao mesmo tempo; podemos buscar com afinco algo que seja inteiramente aprazível para nós, e até, quem sabe, obter sucesso, mas o que realmente importa são as tentativas, o percurso, a “jornada”. Em Luamanda vemos que as tentativas são guiadas pela fé, pelo saber e pelo crer, construídos a partir de suas diferentes experiências com o mundo. O que vale não é, necessariamente, saber se o(a) colega de turma gostava de você na escola, é lembrar-se de escrever bilhetes a lápis com a mão trêmula, trocar confidências com a lua, sentir o prazer soar como um terremoto no corpo e pensar que talvez a paixão possa não caber nele.

O viés em comum entre as obras citadas é a de que o crer/saber é uma necessidade humana, sensível e genuína, onde até mesmo os que se dizem céticos — como Camilo — precisam da fé, como âncora ou como orientação. A fé pode nascer de muitos lugares, em “Luamanda” ela nasce do amor, da paixão. Camilo, em “A Cartomante”, também tinha fé no amor, amor à Rita; parte dele acreditou na cartomante, talvez, porque a mulher que amava também acreditou.

Em Machado de Assis e Conceição Evaristo, são dois fins diferentes pela ação de acreditar, no entanto, ambos os contos lançam ideias maravilhosas e misteriosas sobre a condição humana e suas fragilidades.

Crer e/ou saber é um ato humano de fé, coragem e amor. É preciso ter coragem para acreditar que o amor chega, é preciso ter fé para não desistir no meio do caminho e é preciso confiar na bondade das pessoas, ainda que se frustre.

Os contos, dentre as múltiplas possibilidades de interpretações, mostram que a vida acontece porque a gente acredita. Afinal, “[...] O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. *O que ela [a vida] quer da gente é coragem*. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem.” (Rosa, 2001, p. 293 – grifo nosso).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **A Cartomante**. Rio de Janeiro: Editora Itapuca, 2020.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens II**: essais sémiotiques. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARTINS, M. M. Constituinte do gênero policial: natureza, percursos e métodos de investigação. In: LOPES, I. C.; HERNANDES, N. (Org.). **Semiótica**: objetos e práticas.

São Paulo: Contexto, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Global Editora, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Louise Fernanda Farias

Estudante do 8º período de
Comunicação Social na
Universidade Federal de
Pernambuco – CAA: NDC.
Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1140310523154079>.